

UM ESTUDO DA PERSONAGEM RASKÓLNÍKOV DA OBRA *CRIME E CASTIGO* DE DOSTOIÉVSKI

Ilson Fernando Gomes¹

Luciana Brito²

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo fazer um estudo da personagem Raskólnikov, do romance *Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski, uma das personagens mais representativas da literatura devido a sua complexidade psicológica, fazendo uso de teóricos como Bakhtin, Lukács, Lucien Goldmann, Anatol Rosenfeld. A partir do século XVIII o romance transforma-se num gênero enormemente popular e os escritores começam a analisar a sociedade com maior profundidade e, como consequência, as personagens nascem de situações variadas, ampliando-se em diversas circunstâncias. A partir do final do século XIX e início do século XX, é totalmente perceptível as drásticas transformações em que passou a personagem, sendo que o romance oferece uma percepção totalizante desta, afinal mais do que qualquer outro gênero busca dar uma visão universal do homem, porque sua finalidade é recriá-lo, reconstruindo o fluxo da vida. A personagem Raskólnikov, por exemplo, é uma representação perfeita desta personagem com todas as suas complexidades, tormentos e inseguranças, resultado do meio capitalista e hostil em que vive o homem do século XIX.

Palavra-chave: Estudo de personagem; Romance Moderno; Dostoiévski.

Publicado em 1866, o romance *Crime e Castigo* está entre uma das obras mais importantes de Fiódor M. Dostoiévski. A seguir utilizaremos os estudos de alguns teóricos como Bahktin, Lukács, Lucien Goldmann, Anatol Rosenfeld, para falar de Raskólnikov, protagonista dessa obra.

Crime e Castigo (aqui será referida a edição da editora Martin Claret, de 2002) irá relatar a vida de um jovem que saiu de sua cidade natal para estudar Direito em São Petersburgo, porém se viu em apertos e precisou trancar a faculdade, para conseguir se sustentar. Raskólnikov se encontrava em grande miséria, não tendo dinheiro para pagar o minúsculo cubículo, alugado de uma velha usurária, viúva de um ex-funcionário público. A situação era agravada por seu pai ter falecido há um tempo e deixado apenas uma pequena

¹ Estudante de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Bolsista pela Fundação Araucária. E-mail: Ilson.fernando@yahoo.com

aposentadoria para sua mãe, que não conseguia lhe mandar dinheiro com frequência.

Vendo a pobreza em que se encontravam todos que alugavam um quarto de Aliena Ivánovna, a usurária, Raskólnikov começa a arquitetar um plano. Assassinando a velha, contribuiria para a felicidade de todos aqueles miseráveis inquilinos. Após algum tempo do surgimento desta ideia, abrolha uma oportunidade para praticar seus intentos. Ao consertar sua jaqueta de forma que pudesse guardar o objeto que usaria para consumir o fato, dirige-se à casa da vítima sem grandes complicações, onde é recebido com susto, devido ao horário. Num momento de distração da senhora, Raskólnikov a apunhala com uma machadada certeira, porém a irmã desta aparece inopinadamente no local e ele é forçado a matá-la também.

Cometido o crime, o protagonista é tomado de uma pressão psicológica que se manterá pelo resto da obra. Essa pressão psicológica vai levá-lo ao delírio, fato que o tornará um dos suspeitos pela morte da velha agiota, por desmaiar no dia seguinte ao assassinato, no comissariado de polícia. Raskólnikov passará a maior parte do tempo em seu quarto, manifestando aversão a todas as pessoas que o cercam. Esse fato pode ser observado na forma como ele trata Nastássia, a empregada encarregada de cuidar dos aposentos em que vivem os inquilinos.

Com toda a angústia e desprezo a lhe incomodar, Raskólnikov encontrará apoio apenas em seus pensamentos, fato que deixa o leitor a par de todo sofrimento vivenciado. Os monólogos serão constantes em toda a obra, chegando várias vezes a ser confundidos com a voz do narrador. Isso ocorrerá porque a personagem não pode se desabafar com ninguém, pela necessidade de ocultar seu crime, driblando as suspeitas e escondendo os mínimos detalhes que poderiam lhe entregar.

Como Raskólnikov vivia isolado, com poucos amigos e nenhum parente, quando não estava em seu quarto, vagueava pelas ruas, encontrando várias personagens que dão continuidade à obra e que de início podem até parecer desnecessário, mas tecem fios condutores para o desnudamento da narrativa. É o caso do senhor Marmieladov, com quem Raskólnikov se encontra em uma taberna, e que lhe conta sua história de vida; costume de frequentador assíduo daquele lugar. A ligação com esta personagem de início parece

² Professora Doutora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: lbrito@uenp.edu.com.br

desinteressante para Raskólnikov, mas depois de uma longa bebedeira, diante do estado precário a que chega o companheiro, resolve levá-lo para casa, encontrando sua mulher, que o esconjura por permitir que um pai de família fosse deixado naquela situação, aqui inicia um vínculo com esta família que Dostoiévski com sua engenhosidade vai costurando.

No dia seguinte, resolve perambular pelas ruas de São Petersburgo e avista Marmieladov todo ensanguentado, após ser atropelado por uma carroça. Declara conhecer o homem e conduz os demais auxiliares a sua casa. A família do falecido vivia em um estado de miséria, seus três filhos e a esposa nem haviam jantado naquela noite, pois a única que mandava dinheiro para casa era a filha mais velha, Sônia Siemionovitch, uma alcoviteira, que alugava um quarto nas proximidades. A morte de Marmieladov estreitará os laços entre Sônia e Raskólnikov, pois, graças ao dinheiro mandado pela mãe deste, o funeral será arranjado.

Sendo alvo das suspeitas dos investigadores, Raskólnikov sofre severa tortura psicológica por parte de Porfiri Pietrovitch, o encarregado de solucionar a morte de Ivanovna e sua irmã. Mas, graças a um pequeno contratempo, outro rapaz cede à pressão psicológica que vinha sofrendo e acaba se declarando culpado do crime, livrando a Rôdion das garras da polícia e lhe dando tempo para poder resolver sua situação. Ele vinha planejando por termo a todo aquele sofrimento, o *castigo* merecido, pois não conseguia dar continuidade em sua vida, como se o espírito da velha o perseguisse. Em um de seus momentos de irritação, que eram constantes, ele a amaldiçoa, dizendo que sua vida foi levada junto à da vítima após aquele *crime*. Como podemos perceber na seguinte passagem:

“Basta!”, disse ele consigo, ”chega de fantasias, medos absurdos, espectros! Não senti eu a vida há pouco? Minha vida não terminou com a velha! Que Deus tenha em paz a sua alma! Agora é tempo que ela deixe a alma dos outros em paz! Agora é o reino da razão, da vontade da energia! Agora veremos! Vamos ver quem será o vencedor!”, exclamou como que lançando um desafio a algum poder invisível.” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.194)

Raskólnikov resolve contar tudo o que se passou a uma pessoa que julgava estar na mesma situação, por também haver tirado a vida de alguém – se não pior, por haver tirado sua própria vida. Sônia Siemionovitch vai ser a primeira pessoa a ouvir o desabafo de Raskólnikov, de início se horrorizando com toda a crueldade do crime, mas que depois se

decide a ajudá-lo, aconselhando-o a se confessar à polícia. Raskólnikov repudia a sugestão, pois sua vontade era fugir com Sônia daquele mísero lugar, sinônimo de desgraça para ambos, porém mais tarde cede à ideia e decide se entregar. Durante todo tempo em que Raskólnikov estará na prisão, Sônia será sua principal companheira, ajudando-lhe a superar o tempo de condenação.

Culpa, arrependimento, ódio e tristeza incomodarão a Raskólnikov do princípio ao fim. Dostoiévski, procurando trabalhar os temas de moralidade e o alcance do perdão divino pelo arrependimento, cria uma personagem típica do meio em que vive, na turbulência do capitalismo, a ascensão da burguesia, como sublinha Lucien Goldmann:

O herói *demoníaco* do romance é um louco ou um criminoso, em todo caso, como já dissemos, um personagem *problemático* cuja busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e convenção constitui o conteúdo desse novo gênero literário que os escritores criaram na sociedade individualista e a que chamaram “romance.” (GOLDMANN,1967,p.9)

Dostoiévski vai ser o pioneiro em criar este tipo de romance, onde o personagem está em conflito com o mundo em que vive, *personagem problemático*, termo cunhado por Lukács. Esse novo tipo de romance vai dar início a uma “nova forma” de se produzir romance:

Esse novo tipo de romance o leitor vai sabendo do caráter da personagem através de sua própria fala, o narrador é apagado da obra tendo uma função neutra, a forma de descobrir as personagens pode ser através de seus monólogos ou conversa com as outras personagens. (BAKHTIN, 1998, p. 478)

Como pode imaginar este gênero causou uma radicalização:

Trata-se de uma radicalização do romance psicológico e realista do século passado, mas este excesso levou a consequências que invertem por inteiro a forma do romance tradicional. A abordagem microscópica aplicada a vida psíquica teve efeitos semelhantes a visão de um inseto debaixo da lente do microscópio. (ROSENFELD,1973,p. 85)

Desta forma as obras de Dostoiévski receberam destaque imenso tanto na literatura russa quanto universal; isto faz com que suas obras façam jus ao serem postas entre as

melhores do gênero.

A figura do personagem principal na obra *Crime e Castigo* é construída numa personalidade anódina e conturbada, presa a uma realidade socialmente limitante. Raskólnikov se configura como um personagem sem nobreza e nem capital, sem nenhuma perspectiva de futuro. Um ser que se afasta da sociedade e cria teorias mirabolantes sobre a humanidade, chegando inclusive à obsessão, trancado em um minúsculo quarto, alimentando as angústias que vivia socialmente: “O tugúrio em que vivia ficava precisamente debaixo do telhado de uma alta casa de cinco andares e parecia mais um armário do que um quarto” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.3).

O herói construído por Dostoiévski, de acordo com a teoria proposta por Lukács, é problemático, pois tem dificuldade em lidar com a realidade que o cerca. O meio em que vive Raskólnikov é mostrado como extremamente egocêntrico graças ao capitalismo, porque cada um procurava os lucros, não se importando com a miséria do outro, por mais que estivesse no mesmo nível do outro. A sociedade proposta pelo texto é recheada de homens com caráter deformado, ideologicamente insignificantes e interessados na sua sobrevivência, e no seu bem-estar.

O contexto em que a personagem vive influencia a construção do caráter da personagem. A miséria dos locatários de quartos da velha e o sofrimento para arranjar o dinheiro a fim de não serem despejados afirmam quão deplorável é o ambiente em que se encontram. A luta por uma moradia e a falta de dinheiro são fatores determinantes, pois como na passagem do assassinato da velha, em que Raskólnikov pega os objetos penhorados por ela e percebe não ser o único a ter pendências.

A problemática do herói, aquela que vai configurar sua busca, repousa no fato de não conseguir dar continuidade em sua vida após cometer o crime. Objetivamente, portanto, o conflito que envolve a personagem é substancialmente a própria morte, por não conseguir encarar a vida e se ver preso em suas atitudes passadas. Através da observação das atitudes do protagonista, percebe-se que subjetivamente sua problemática envolve o não conseguir suportar o peso de sua consciência. A ação de afastar-se de todos repousa no fato de não achar “abrigo” nas pessoas que conhece daí seu recolhimento interior.

Não é perceptível na narrativa que o herói tenha consciência de algum tipo de busca

subjetiva. Suas ações são permeadas essencialmente pelo que lhe preocupa, o fato de alguém delatá-lo ou estar sondando, devido à investigação de Porfirí, o investigador. O personagem construído em *Crime e Castigo* pode ser considerado um “ser comum”, como os outros, pois, mesmo praticando o crime e conseguindo se sair muito bem em todas as suas conversas, incluindo o interrogatório no comissariado, e escapar de ciladas que supunha estarem armando para ele, acabou sendo rotulado em sua própria teoria como indivíduo *ordinário*. Na sua divisão, os indivíduos são considerados *ordinários*, no seu significado conotativo, ou *extraordinários*, como ele mesmo diz, “os Napoleões que existem”. Ele irá tomar consciência disso somente no momento em que se entrega à polícia.

A jornada de Raskólnikov para pôr término a todo o sofrimento pode ser considerado sua reconciliação com o mundo, de acordo com os apontamentos de Lukács. Porém esse é um fato que vai atormentá-lo por toda a narrativa, pois, na medida em que apareciam pistas que lhe condenassem, ou em que parecia estar tudo perdido, ele promulgava seu sofrimento, num verdadeiro conflito interno entre dois “eu”: o que queria acabar com todo o conflito se entregando à polícia e sofrendo todo o castigo que merecia e a oposição de, em última instância, não querer se confessar. Esse conflito psicológico era a causa de sua irritação com as pessoas que o encontravam naquele estado de espírito alterado, renegando a todo tipo de contato e compartilhamento.

A interioridade do herói, aspecto que Lukács julga ser chave para a construção do romance, no caso de Raskólnikov reflete o drama de não conseguir se desapegar das lembranças do dia do assassinato e de achar que, se não tomar as devidas cautelas, a qualquer momento podem descobrir tudo. O personagem remói o acontecido, refaz mentalmente caminhos e conversas, sempre de maneira a pensar em algum deslize que tenha cometido. Todos os elementos que circulam em seus pensamentos e devaneios transportam o leitor à insegurança que vive.

A narração dos monólogos interiores de Raskólnikov corrobora para a configuração do caráter mesquinho da personagem e para a grande covardia de não encarar o problema que o aflige. Esses monólogos também contribuirão para ressaltar o quanto Raskólnikov está distanciado da sociedade que o envolve, de forma a encontrar apenas em seus pensamentos um meio de compartilhar aquilo que o dilacera, já que nenhum de seus companheiros é digno

de conhecer seu sofrimento. Nesse ponto, podemos ressaltar a questão do herói se ver como um ser separado do meio, não compartilhando das idéias comuns, sentindo-se um estrangeiro. Raskólnikov se sente assim, como se pode perceber em uma de suas falas: “abriu a mão, olhou a moeda atentamente, depois olhou-a e atirou-a à água. Depois deu meia volta e foi para casa. Parecia-lhe que naquele momento tinha se separado de todos e de tudo, cortado por uma faca”, (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 122) Isso exprime o quanto a personagem se sente afastada do meio em que se encontra.

Assim como teoriza Lukács, são as ações de Raskólnikov e suas reflexões acerca delas que confirmarão sua interioridade de herói problemático. A subjetividade de Raskólnikov advém da sua relação com o mundo exterior; todos os elementos que cercam o herói desde seu cubículo, as praças, o mercado de feno e as tabernas que frequentava, remetem no seu problema de não conseguir resolver sua situação. A sua fixação na suspeita de Porfirí e Zosimov, o médico que cuidava dele, estarem tramando um plano para pegá-lo desprevenido fazia-o se encolerizar com qualquer um que estivesse em sua frente.

É nessa configuração externa da realidade e na forma como Raskólnikov lida com ela que se gera a percepção da subjetividade do herói, segundo Lukács. É sobre esse prisma que Raskólnikov demonstra ser um herói problemático, mesquinho e covarde, focado de maneira tão obsessiva para se safar do crime que não se importa em se afastar das pessoas que estão ao seu redor e lhe querem ajudar. A subjetividade do herói apresenta-o medíocre e covarde pelo fato de não conseguir encarar seu problema e por fim a toda aquela terrível parte da sua vida se entregando à polícia, o que desejava desde o momento em que cometera o crime.

A sociedade em que vive Raskólnikov é repleta de seres ambiciosos, que não se importam com os problemas da vida alheia, reflexo do mundo em que vivem, capitalista e materialista, onde o que é levado em conta são os interesses pessoais. É o caso da velha usurária, diante das pessoas miseráveis que tinha por inquilino e que dispunham de algum material de valor para penhorar, mostrando o lado egocêntrico das pessoas. Apesar da ambição motivada pelo meio em que vive, o romance realça o lado miserável da vida humana com seus problemas acerca da falta de dinheiro, ao mesmo tempo em que aponta o lado oportunista de outras pessoas, como o futuro genro de Raskólnikov, Piotr Pietróvitch, que aproveita da fragilidade de uma moça pobre para poder casar com ela. Porém Raskólnikov já

não pode ser visto pelo mesmo viés, por não fazer questão de guardar dinheiro e nem ser ambicioso. Prova disso foi ter doado tudo que tinha à família de Marmieladov, entre outras atitudes “boas” ao longo da obra.

O herói do romance em questão apresenta total aversão a tudo o que o cerca, se apartando de pessoas cuja forma de vida não aceita. Raskólnikov procura se entender e de alguma forma reconciliar-se com a sociedade, mas esses são termos que o impedem de regressar nela, pois, a cada atitude “bondosa” praticada por ele, é condenado por todos. O mundo de *Crime e Castigo* configura um herói problemático, ao passo em que aponta o quanto os indivíduos desta sociedade são incapazes de olharem além de seus interesses próprios.

A busca pela reconciliação com o mundo, proposta por Georg Lukács, no caso de Rôdion Romanovitch Raskólnikov se alcança com o fim de todo o sofrimento que sente com relação ao crime que praticou. Nesse viés, Lukács afirma que a história do romance moderno dura apenas o tempo necessário para desenvolver a busca do herói e a sua satisfação final. No caso do romance *Crime e Castigo*, os grandes acontecimentos são narrados isoladamente e em detalhes, pondo o leitor a par da busca do herói. A parte da vida de Raskólnikov escolhida para ser narrada no romance configura a personalidade do protagonista, na medida em que mostra que sua reconciliação com a realidade é basicamente uma tentativa de solucionar seus problemas, que ora se mostram irrealizáveis, ora entregam a solução em suas mãos.

Para definir o romance, Lukács recorre ao tempo das antigas epopeias, fazendo uma relação entre os dois gêneros. Em nenhum momento o herói romanesco de *Crime e Castigo* atinge plenamente a reconciliação com o meio em que está inserido, pois não demonstra preocupação com as pessoas que o cercam. O egocentrismo, causado por seu problema, lhe cega de toda a possibilidade de pensamento coletivo.

O livro *Crime e Castigo* pode ser encarado como uma reflexão acerca da busca do perdão divino através do arrependimento. Dostoiévski trabalha a questão da moralidade, da remissão perante as culpas que levará a personagem à paz, conseguindo suportar o peso da vida rotineira. Raskólnikov, após seu longo sofrimento e suas conversas com Sônia acerca da ressurreição de Lázaro, acredita nessa hipótese de que conseguirá mudar sua vida depois que estiver sido punido pelo crime que cometeu.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Bernardini et al. 4. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 1988.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Ed. Paz e Terra, 1967.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Editora 34, 1965.

ROSENFELD, Anatol. *Reflexões sobre o romance moderno*. 2. d. In: _____. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.